

**FACULDADE DE SANTANA DE PARNAÍBA - FASP**

**MONOGRAFIA**

**IONE JUSTINO PINHEIRO**

**ESTEREÓTIPO DE ATIVIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL  
BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS SEM GENERO**

**SANTANA DE PARNAÍBA**

**2021**

IONE JUSTINO PINHEIRO

**Estereótipo de atividades na Educação Infantil**  
**BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS SEM GENERO**

Pesquisa Gêneros na Educação Infantil

Apresentado à disciplina

“Trabalho de Conclusão de Curso” do curso de

Licenciatura em Pedagogia da

Faculdade de Santana de Parnaíba-

FASP.

Orientador: Edmundo Souza

**Santana de Parnaíba,**

**2021**

## **Resumo**

Esta pesquisa irá mostra como ainda há diferença de gêneros na nossa educação infantil. Sabemos que as tarefas “ de meninos” e de “ meninas” são bem definidas dès da antiguidade, a grande questão é que a partir do século XX observamos através dos estudos antropológicos que o papel dos homens e das mulheres vêm se modificando devido ao mais recente.

## **ABSTRACT**

This research will show how gender differences still exist in our early childhood education. We know that the tasks of "boys" and "girls" are well defined since antiquity, the big issue is that from the 20th century onwards we observe through anthropological studies that the role of men and women has been changing due to the more recent .

## SUMÁRIO

### Sumário

INTRODUÇÃO .....	5
CAPÍTULO I - CONCEITUANDO GÊNERO .....	7
1.1 IDENTIDADE DE GÊNERO .....	7
1.2 IDENTIDADE SEXUAL INFANTIL .....	9
1.3 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO GÊNERO .....	10
CAPÍTULO 2 COMO ESSE TEMA INFLUENCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL .....	12
CAPÍTULO 3- COMO TRABALHAR OS GÊNEROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	16
1. 3.1 BRINQUEDOS SEM GÊNERO .....	18
Gênero e Equidade .....	20
3.3 Práticas introduzidas na primeira infância promovem uma educação com menos estereótipo e discriminação.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo mostrar como ainda é visível a segregação de gênero nos brinquedos e brincadeiras das crianças do ensino infantil. A princípio, a pesquisa irá abordar o conceito de gênero, explicando como se determina os gêneros na nossa sociedade. Logo após no segundo capítulo, iremos tratar de como isso influencia na educação infantil, e por fim, como devemos trabalhar de maneira correta as brincadeiras e os brinquedos sem gênero.

Por muito tempo as pessoas tiveram essa impressão de que os brinquedos deveriam ser divididos pelo sexo, assim como a cor das suas roupas ou o tipo de esporte que fazem. Pois bem, os tempos têm mudado e estamos cada vez mais conscientes de que o estereótipo das brincadeiras não cabem na nossa sociedade. Grandes reflexos dessas vivências na infância acabam se tornando tabus na vida adulta.

Quando criança você ouvia falar em brinquedos sem gênero? Aposto que a maioria de nós teve quando crianças brincadeiras de meninos e meninas, não é mesmo? Por muito tempo as pessoas tiveram essa impressão de que os brinquedos deveriam ser divididos pelo sexo, assim como a cor das suas roupas ou o tipo de esporte que fazem. Pois bem, os tempos têm mudado e estamos cada vez mais conscientes de que o estereótipo das brincadeiras não cabem na nossa sociedade. Grandes reflexos dessas vivências na infância acabam se tornando tabus na vida adulta.

Levando em consideração que a educação infantil é a base da educação sistematizada e tem grande papel na formação de valores e principalmente na formação de cidadão, cabe a cada educador indagar “Como colaborar em sala de aula para a construção da igualdade de gênero? Quais são as falas e atitudes que caracterizam a visão de gênero que os alunos trazem das instituições anteriores à escola? A atuação em sala de aula nos mostra que desde o primeiro contato com a escola os educandos já demonstram suas concepções de gênero por meio de brincadeiras, brinquedos, cores e outros. Muitas vezes professores também demonstram suas concepções de gênero

através da fala e atitudes voltadas para os educandos. Educar para os direitos humanos evitando processos de discriminação é necessário desde os primeiros anos da vida escolar. A participação ativa do professor é necessária para que a sala de aula não seja um espaço gerador e reprodutor de uma educação discriminatória, mas um espaço de construção de igualdades.

Os brinquedos sem gênero já chegaram ao mercado. Na Europa esse conceito existe há um bom tempo e no Brasil, aos poucos, incluiu no nosso mercado para crianças. Que professor de Educação Infantil nunca deparou com meninas que gostam de jogar futebol e meninos que preferem uma boneca a um carrinho? A situação pode ser comum, mas a atitude tomada pelos educadores diante dela varia bastante. Para muita gente, as crianças que aparecem nas fotos à direita não estão cumprindo bem o papel definido pela sociedade para o sexo feminino e o masculino.

A construção de um mundo mais igualitário é um exercício diário, materializado em pequenos gestos, e que pode, sim, começar na escola. Dessa forma, o professor tem papel fundamental para que meninos e meninas possam relacionar-se de forma livre, sem cobranças ou expectativas quanto a um papel predeterminado.

# CAPÍTULO I - CONCEITUANDO GÊNERO

## 1.1 IDENTIDADE DE GÊNERO

Você provavelmente já ouviu falar em gênero, certo? Muito tem se falado sobre identidade de gênero, igualdade de gênero, ideologia de gênero, entre outros temas relacionados ao termo. Mas, afinal, qual o significado desse conceito?

Como o próprio nome indica, identidade de gênero diz respeito ao gênero com o qual uma pessoa se identifica. É independente do sexo (ou seja, das características biológicas), está relacionada a identificação de uma pessoa com o gênero masculino ou feminino. Algumas pessoas se identificam com um gênero diferente do que é imposto a elas em função de seu sexo biológico. Essa identificação é o que chama-se de identidade de gênero.

O conceito de gênero mostrado como referência o artigo escrito por Maria Eunice Figueiredo Guedes, “Gênero, o que é isso?”, de 1995. Nesse artigo, ela traz diversas citações do conceito de gênero. Destacamos quatro delas abaixo:

*“qualquer agrupamento de indivíduos, objetos, ideias, que tenham caracteres comuns”.* – Dicionário Aurélio, 1986.

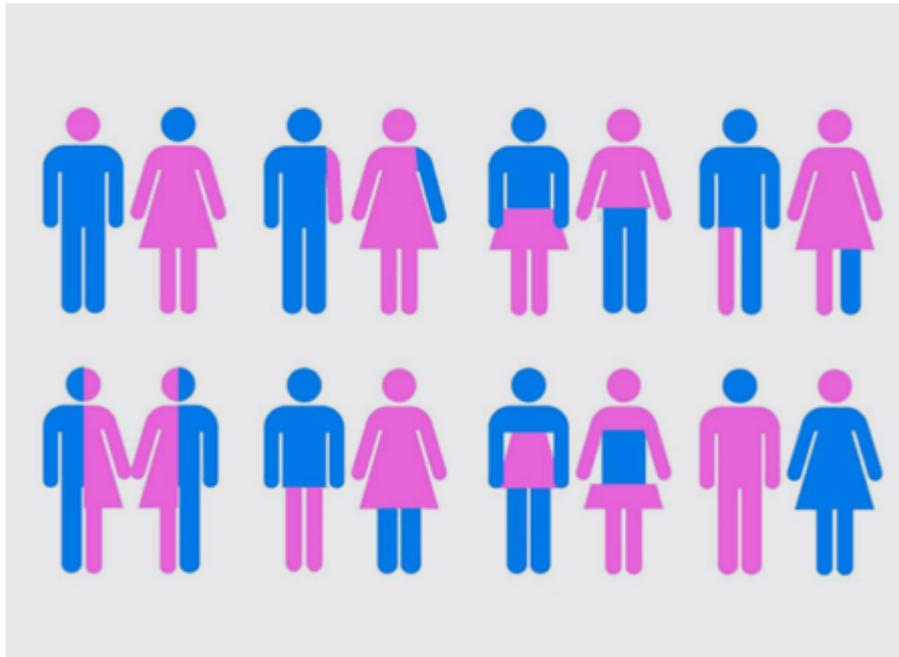
*“uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”.* – Gates, citada por Scott, 1995.

*“gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos... o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.”* – Scott, 1995.

*“uma forma de entender, visualizar e referir-se à organização social da relação entre os sexos.”* – Guedes, 1995.

Muitas vezes o termo gênero é erroneamente utilizado em referência ao sexo biológico. Por isso, é importante enfatizar que o gênero diz respeito aos aspectos sociais atribuídos ao sexo. Ou

seja, gênero está vinculado a construções sociais, não a características naturais. O gênero, portanto, se refere a tudo aquilo que foi definido ao longo tempo e que a nossa sociedade entende como o papel, função ou comportamento esperado de alguém com base em seu sexo biológico.

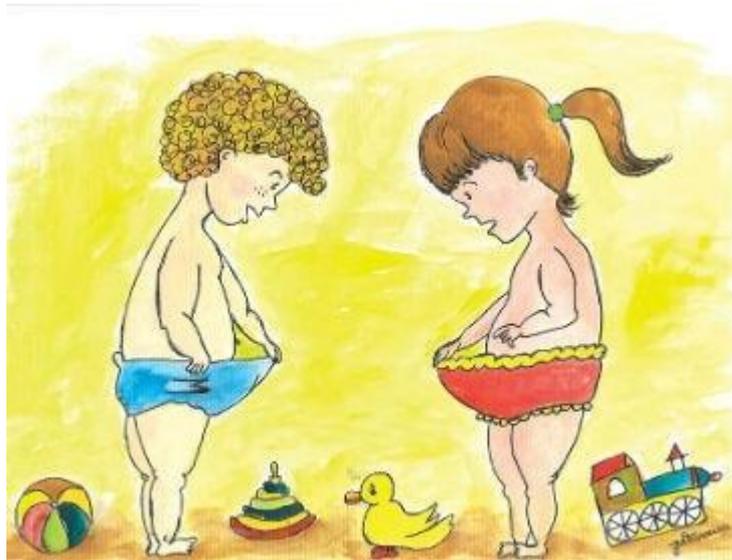


Fonte: Representação de variedade de gêneros

<https://catracalivre.com.br/educacao/entenda-rapidamente-o-que-e-ideologia-de-genero>

## 1.2 IDENTIDADE SEXUAL INFANTIL

A sexualidade diz respeito à orientação sexual de uma pessoa, ou seja, por quais gêneros essa pessoa sente atração sexual ou romântica. Algumas das categorias atribuídas à sexualidade são: heterossexualidade (pessoa que sente atração por pessoa do gênero oposto); homossexualidade (pessoa que sente atração por pessoa do mesmo gênero); bissexualidade (pessoa que sente atração por pessoas dos dois gêneros). A sexualidade faz parte da vida e do corpo e crianças sabem refletir, questionar e se posicionar. É mais do que justo que elas possam discutir essas relações.



Fonte: Canguru News – Sexualidade na infância.

A sexualidade infantil se divide em três períodos:

- O período do nascimento até 1 ano e meio corresponde à fase oral, em que a criança experimenta o mundo pela boca. Aqui ocorre sua primeira experiência de prazer, no momento da sucção do leite e no contato com a mãe, e também é comum que a criança leve à boca todo e qualquer objeto que chega às suas mãos.
- A segunda experimentação se dá de 1 a 2 anos, quando a criança atinge a fase denominada anal e sente satisfação em conseguir controlar o esfíncter. A fase de 1 ano e meio a 3 anos corresponde ao

processo de socialização. É nesse momento que os pequenos começam a se descobrir, se tocar e experimentar seus próprios genitais. O que não deve ser feito é uma repressão, levando à sexualidade culposa, que é quando a criança sente culpa por qualquer ato ou expressão de sexualidade.

- Dos 3 aos 6 anos, as crianças iniciam a exploração das diferenças sexuais como parte do processo de formação da identidade. Nessa etapa, ocorrem as perguntas sobre a origem dos bebês e sobre as diferenças entre homem e mulher.
- Dos 7 aos 10 anos, aumenta o interesse por assuntos sexuais e surgem muitas dúvidas advindas da maior capacidade de compreensão que a criança adquire.

### **1.3A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO GÊNERO**

Com esses dois exemplos, podemos ver como era claro para a sociedade brasileira do final do século XIX e início do século XX que os homens eram os provedores dos lares e gestores dos bens familiares. As mulheres eram sustentadas por esses recursos e, caso tivessem interesse em trabalhar fora de casa, precisavam da autorização de seus maridos.

Entendendo os homens como provedores e as mulheres como “cuidadoras” e dependentes deles, naturalmente, os espaços sociais públicos se tornaram ocupados, na maior parte, por homens, enquanto os espaços sociais privado-domésticos ou relacionados ao “cuidar” (como as áreas da saúde e da educação, principalmente) se tornaram ocupados, na maior parte, por mulheres.

Dessa forma, os homens foram definindo estruturas e culturas tipicamente masculinas dentro dos espaços sociais que ocupavam e as mulheres, da mesma forma, também foram definindo estruturas e culturas que melhor se adequavam a elas em seus espaços. Com o passar do tempo, vários fatores espontâneos ou não (como as guerras, por

exemplo) foram tornando nossa sociedade cada vez mais complexa, levando as mulheres a se inserir em mais atividades do espaço público. Da mesma forma que também observamos cada vez mais homens se inserindo mais nos espaços domésticos e de “cuidar”.

Algumas leis posteriores registraram essas mudanças. Como o Decreto nº 21.076 de 1932 que explicitou o voto como algo permitido para ambos os sexos e a atualização do Código Civil, Lei Nº 10.406 de 2002, que definiu o homem e a mulher como igualmente responsáveis pela provisão e administração dos encargos da família.

## CAPÍTULO 2 COMO ESSE TEMA INFLUENCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

### 2.1 REFLEXOS DA DIVISÃO DE GÊNEROS NA INFÂNCIA

Por muito tempo as pessoas tiveram essa impressão de que os brinquedos deveriam ser divididos pelo sexo, assim como a cor das suas roupas ou o tipo de esporte que fazem. Pois bem, os tempos têm mudado e estamos cada vez mais conscientes de que o estereótipo das brincadeiras não cabem na nossa sociedade. Grandes reflexos dessas vivências na infância acabam se tornando tabus na vida adulta.



Fonte: Revista Pará+

É necessário levar em conta a troca de papéis das gerações, devido ao aumento da ocupação do espaço físico doméstico pelos adultos, e a saída das crianças para as várias agências de ocupação e regulação do tempo. Esta inversão de papéis e lugares, os adultos voltando para casa e as crianças saindo, vem junto com a ocupação das crianças, e sem tempo para descobrir os seus limites, nem espaço para descobrir o gosto da liberdade em instituições controladas pelos adultos (SARMENTO, 2004).

Os costumes e ideias não são criados individualmente, e sim em conjunto com as necessidades da sociedade. Assim, o passado da humanidade contribuiu para a educação atual, ou seja, a história deixa marcas assim como os antepassados, porém, o sujeito se faz pela evolução histórica à qual está inserido (DURKHEIN, 1952).

## 1. Machismo e feminismo na vida adulta

Quando um casal espera um bebê, toda a família fica em polvorosa até que se descubra o sexo da criança, “para poder comprar o enxoval” nas cores e padrões corretos (rosa, com bolinhas e bichinhos fofos para as meninas; azul, com listras e animais selvagens para os meninos). Assim, uma pessoa que ainda nem nasceu já está inserida na **cultura** machista constituída em nossa sociedade.

Crianças bem pequenas são apresentadas ao machismo em suas mais variadas formas: meninos ganham carrinhos, bonecos de super-heróis musculosos e espadas; meninas recebem bonecas, eletrodomésticos de plástico rosa e maquiagem infantil. Meninos ouvem que não podem chorar e que devem ser corajosos; meninas são estimuladas a ser boazinhas, estar sempre de cabelo penteado e limpas – inclusive na praia e na areia da pracinha.

Ao longo de toda a infância, qualquer objeto que a pessoa necessite estará alocado em um departamento pré-determinado: brinquedos, roupas, toalhas, boias de braço, copos, pratos, até livros – a lista é infinita. A pergunta que as mães ouvem dos vendedores é sempre a mesma: “É para menino ou menina?”

As crianças, com sua sensibilidade aguçada, percebem que, por **exemplo**, a maioria dos cuidadores são mulheres, mas a maioria dos cientistas são homens. A maioria das cozinheiras são mulheres, mas a maioria dos chefs de cozinha são homens. Sua mãe trabalha mais horas (dentro e fora de casa), mas seu pai é chamado de chefe da família. Dessa forma, vão se adequando “naturalmente” – embora esse processo nada tenha de natural – ao papel que lhes cabe na sociedade.

O que fazer para quebrar o ciclo do machismo entre nossas crianças, **desconstruindo** preconceitos, propiciando que elas possam formar uma nova sociedade, liberta definitivamente de truculências contra a mulher num futuro (esperamos) próximo? Usar a Psicologia ao nosso favor !

## 2. A psicologia dos gêneros na educação infantil

Ao nos propormos à tarefa de pesquisar as concepções de crianças acerca das relações de gênero no contexto da Educação Infantil, percebemos que este era um caminho pouco percorrido no sentido de discussões e estudos, no entanto, atual e extremamente rico de novas contribuições.

O modo como meninas e meninos expressam as relações de gênero no cotidiano institucional contribui para a construção de uma nova sociedade onde possam expressar-se livremente e ser respeitadas/os em seus desejos, livres de preconceitos. A psicologia pode vir ao nosso favor através de algumas práticas simples

- **Conversar**

Todos os dias, em qualquer ambiente, seus filhos se deparam com o machismo. Não despreze as pequenas situações; ao contrário, aproveite-as. É no cotidiano que as crianças vão formando seus conceitos (e preconceitos). Ao assistir a um simples filme infantil é possível falar sobre violência contra a mulher, desigualdade no mercado de trabalho, relacionamentos abusivos etc.

- **Dar o exemplo**

Nenhuma conversa é tão efetiva para formar bons cidadãos quanto os **exemplos** que os adultos cuidadores (em geral pai e mãe) dão. Em casa, divida as tarefas igualmente, com responsabilidades para todos. Isso inclui não só limpar a casa, cozinhar e lavar a louça. As funções administrativas também podem ser divididas: quem faz a lista de compras do mercado, quem cuida da carteira de vacinação das crianças, quem é responsável por providenciar lanche e uniforme limpo para a escola... As crianças (independentemente do sexo) também podem colaborar na manutenção da ordem e limpeza da casa, de acordo com a idade, fazendo assim um treino positivo para serem capazes de cuidar de si mesmas e de seu lar quando adultas.

- **Informar-se**

O machismo é tão arraigado que muitas vezes não percebemos que ele está ali. Atualmente há livros, filmes e páginas na internet dedicadas a combater o machismo na infância. Confira algumas sugestões aqui:



Conversa em família

Fonte: <https://bebe.abril.com.br/desenvolvimento-infantil/12-acoes-para-criar-meninos-longe-do-machismo-e-que-respeitem-as-mulheres/>

## **CAPÍTULO 3- COMO TRABALHAR OS GÊNEROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

### **3. EDUCAÇÃO INFANTIL NÃO SEXISTA**

Na fila, na chamada, no mural de aniversariantes ou de ajudante do dia, na escolha sobre quem realizará cada atividade ou tarefa na escola, não é incomum a divisão entre meninos e meninas. Para brincar, ainda é habitual que sejam oferecidas bonecas e miniaturas de utensílios domésticos a elas e jogos de montar a eles. Frases como “comporte-se como uma mocinha” ou “menino não chora” podem ser corriqueiras em uma sala de aula da Educação Infantil.

Diariamente, a escola ensina sobre as relações de gênero. E, infelizmente, essas relações acabam por “ensinar” desigualdades. A distinção entre “coisas de menino” e “coisas de menina” e a associação de valores e comportamentos por gênero expressam preconceitos, discriminações, violências e privilégios, também nas escolas. Além disso, o reforço de estereótipos pode limitar as crianças e impedi-las de desenvolver todo o seu potencial.

A construção de um mundo mais igualitário é um exercício diário, materializado em pequenos gestos, e que pode, sim, começar na escola. Dessa forma, o professor tem papel fundamental para que meninos e meninas possam relacionar-se de forma livre, sem cobranças ou expectativas quanto a um papel predeterminado.

Não é incomum que, ao demonstrarem comportamentos “não apropriados” para seu sexo, os alunos causem preocupação e sejam motivo de incômodo e dúvidas para os professores. Mas, por que isso acontece? Quais os sentimentos causados, por exemplo, quando um menino pede ou pega uma boneca para brincar?

“Estudos na área de psicologia já demonstraram que não é possível construir um gênero a partir de estímulos, e que isso é fruto de um processo muito mais complexo da subjetividade. O brincar permite que a criança exercite uma série de aspectos de sua vida. Então, um menino brincar de boneca pode ser um ‘exercício’ de sua atuação como cuidador, como pai; assim como uma menina

brincar de bola pode estar relacionado a seus interesses por esporte, por exemplo.

É preciso ressaltar que a diferença entre homens e mulheres não é o problema. O problema é quando se valoriza as características masculinas mais do que as femininas. Por exemplo, se um menino chora ou escolhe um brinquedo dito “de menina”, ouve-se em casa ou na escola: “você está parecendo uma ‘mulherzinha’”, como algo pejorativo. Por outro lado, se ele fizer algo que mereça elogio, é “um homem com H maiúsculo”.

Outra situação não tão rara, até mesmo na Educação Infantil, é quando um aluno tenta beijar uma menina à força. Muitas vezes, isso é levado na brincadeira e ainda há quem ache “bonitinho”. No entanto, o fato deve ser problematizado junto com as crianças, para que elas saibam que essa não é uma atitude natural, e sim um tipo de violência; e não levem esse tipo de comportamento para suas futuras relações.

O que fazer a final ?

- Não repreenda as crianças ou entre em pânico se elas aparecerem com algum acessório “atribuído a outro sexo”. Afinal, a identidade sexual não se mede por um brinco ou um prendedor de cabelo;
- - Tente expressar-se tanto no masculino quanto no feminino quando estiver se referindo a grupos mistos, para, assim, não contribuir com a invisibilidade feminina;
- - Questione preconceitos e estereótipos de gênero das crianças, a fim de que isso não promova comportamentos e atitudes negativas contra o gênero oposto. A passividade acaba reforçando o estereótipo.

E lembre-se: a prática é sempre mais forte do que o discurso.

#### **4. 3.1 BRINQUEDOS SEM GÊNERO**

Como comentei anteriormente, na Europa essa reestruturação nas brincadeiras já vem acontecendo há um tempo. A marca TOP-TOY, do norte da Europa, buscou trazer em todos os seus brinquedos cores neutras ou uma paleta que não se limita apenas ao rosa ou azul, nas caixas tem meninos e meninas estampados independentes de qual seja o brinquedo.

No Brasil, também já temos empresas que produzem esses brinquedos sem gênero. Um projeto que existe desde 2011, mas só começou a ser executado em 2014, surgiu devido a grande procura por esse novo mercado e a precursora desse modelo de negócio é a Xalingo. Mesmo sendo tradicional e existindo há 70 anos arriscaram-se a criar esse nicho e atualmente 10% da representatividade de seu lucro é com estes brinquedos unisex.

O proprietário da Xalingo em uma entrevista para a Gaz Gazeta Online, ressalta a importância dessas mudanças não só na decisão da criança fazer a escolha do que gosta de brincar, mas também, na melhora do ciclo do brinquedo, já que pode ser destinada a qualquer criança, independente do gênero.

A mudança nesse mercado que durante anos ficou engessado é essencial. Toda criança precisa ter o poder de escolha em relação ao que quer brincar e isso possibilita uma imensidade de experiências, expansão da imaginação e também, a saber, lidar melhor com todas as atividades da casa. Digo isso porque, já passou da hora de ser apenas brinquedo de menina as cozinhas, ganhar uma vassourinha no natal ou de que há a possibilidade apenas para meninos serem motoristas de carros de corrida ou engenheiros. É por essas e outras que devemos refletir como é essencial essa conexão com diferentes experiências para a construção de conceitos na vida adulta.

Escolas que utilizam os brinquedos sem gênero também cooperam para o melhor desenvolvimento de conceitos. Algumas delas já adotam essa maneira de brincar e, como mostra a reportagem do Fantástico exibida na Rede Globo, a interpretação da criança diante de uma fantasia pode ser

totalmente reinventada na imaginação, assim como as brincadeiras e até esportes – como o menino de 9 anos que é apaixonado por dançar balé e ao invés de se sentir fragilizado com isso, se sente mais forte! Dá uma olhada:

O mundo atual tem tantas coisas boas e a liberdade é uma das nossas maiores conquistas. É essencial que a gente possa ter a consciência de que a criança vai fazer sua escolha sexual independente das suas brincadeiras e cor da roupa, e o mais importante, que as brincadeiras sem gênero são essenciais para a desconstrução do machismo.

Posso exemplificar para você um clássico, a Barbie. Passamos uma infância toda acostumados com a boneca que tinha um corpo simétrico, magro e cabelos loiros e lisos. Porém, em 2019, a linha de bonecas mais famosa do mundo lançou as Barbies não binárias. Nessa nova edição o corpo assume uma nova forma e a criança pode decidir se deixa com cabelos curtos ou longos, se será menino, menina ou simplesmente sem nenhum gênero definido.



Foto: Educar para Crescer

## 1. 3.2 LIVROS QUE AJUDAM A ENTENDER

Para isso conto muito com a ajuda dos livros! Por meio da leitura a criança desenvolve a criatividade, a imaginação e adquire cultura, conhecimentos e valores. Além de contribuir para a formação do senso crítico.

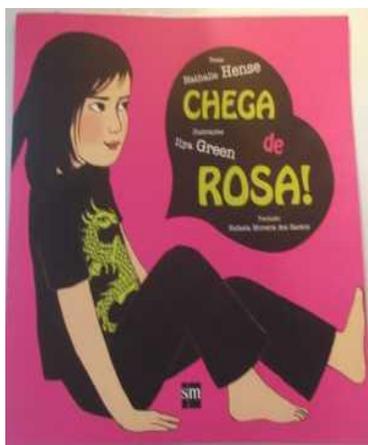
### Gênero e Equidade

- As Mulheres e os Homens



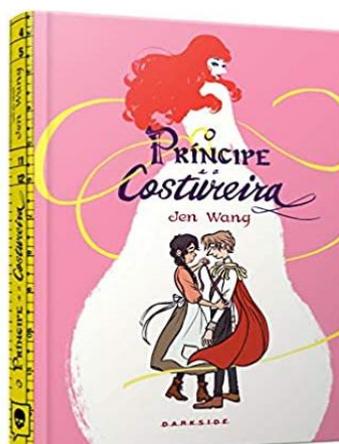
De forma divertida e inteligente, procura abordar questões de gênero por um viés de igualdade e em respeito à pluralidade. É um livro instigante e de fácil compreensão, com uma paleta de cores que foge do já consagrado azul-para-meninos e rosa-para-meninas. Também traz atividades para promover uma discussão mais ampla sobre a divisão das tarefas domésticas, a desigualdade salarial e o espaço social que cada gênero ocupa — deixando a certeza de que a expectativa por um mundo mais igualitário não tem nada de ultrapassada. As ilustrações são geniais!

- Chega de Rosa



Este é um livro de origem francesa. No que tange as questões de gênero e ao debate sobre uma educação menos sexista, a França acaba sendo uma referência. E esse é mais um exemplo disso. A protagonista é uma menina que não gosta de rosa, nem se identifica com as brincadeiras geralmente classificadas como sendo “de meninas”. Isso lhe assegura o rótulo de “arremedo de menino”, dado pela própria mãe. Ao longo da história, a protagonista se depara com meninos que também não se enquadram no padrão socialmente definido para eles. E percebe que isso não os torna “arremedos de menina”.

- O príncipe e a costureira



Título original: The Prince and the Dressmaker Autora: Jen Wang Editora: Darkside

Um príncipe que gosta de usar vestidos. Uma costureira que sonha em fazer suas próprias criações e ter seu talento reconhecido. Um conto de fadas apaixonante para guardar no coração. É interessante como o medo do Sebastian da rejeição e do preconceito frente à sociedade foram explorados. Esses receios moldaram seus trejeitos e como ele reage ao mundo como príncipe - mas, como Lady Cristallia, ele se deixa pertencer ao universo. E os vestidos da Frances dão ainda mais vida a isso.

- A princesa que queria ser rei



Essa história conta a luta de uma princesa enorme, peluda, forte e linda, que sonha assumir o lugar do pai como Rei. Mas sua família além de não acreditar em seu potencial, acha que o posto só pode ser assumido por um homem, vendo com horror o esforço da filha de se tornar mais resistente e capaz. Eis que a autora, Sara Monteiro, narra a jornada da Princesa que quer provar ser não só tão capaz quanto um homem, como ainda melhor para assumir o posto de Governo do reino

### 3.3 Práticas introduzidas na primeira infância promovem uma educação com menos estereótipo e discriminação



Todas as crianças, independentemente do sexo biológico, têm o direito de atingir seu potencial máximo ao aprender sobre qualquer assunto, praticar qualquer esporte e brincar com qualquer brinquedo.

Segundo especialistas, moldar atividades com base no sexo biológico pode limitar o desenvolvimento infantil, já que brinquedos tradicionalmente direcionados aos meninos tendem a desenvolver mais habilidades espaciais, ao passo que brinquedos marcados como “femininos” estimulam mais competências de sociabilidade e cuidado com o outro. Quando limitados a um dos tipos, as crianças deixam de desenvolver certas aptidões.



Por mais que se crie um ambiente livre de estereótipos de gênero em casa, as crianças ainda recebem mensagens assim na mídia, na escola e na convivência com familiares e colegas. É importante mostrar para as crianças

que elas podem expressar todos os sentimentos, já que não existem emoções “de menina” e “de menino”.

Um bom jeito de fazer isso é encorajar meninos a desenvolverem sua sensibilidade e afetividade, por exemplo. Independentemente do sexo e da idade da criança, conviver com pessoas de diferentes classes sociais, raças, nacionalidades e culturas e ver representações desses grupos na mídia faz com que as crianças entendam que diversidade é parte da natureza humana e não algo “estranho” ao mundo delas. Embora a oferta de conteúdos midiáticos com essa preocupação esteja aumentando, muitos programas infantis não espelham a multiplicidade, restringindo-se, por exemplo, a histórias com protagonistas homens e brancos.

A ideia de que existem corpos “normais” (e, por consequência, outros que estão fora do padrão, como corpos obesos ou com algum tipo de deficiência) incentiva atitudes discriminatórias desde a infância. É importante que as crianças gostem do próprio corpo, respeitem o dos colegas e entendam que não existe um padrão.



Roteiro e ilustrações:  
Helô D'Angelo



Quando a menina é também uma criança negra, são duas barreiras que ela precisa enfrentar desde cedo: gênero e raça. Em muitos países, o racismo afeta a forma com que as meninas negras são tratadas em casa, na escola e nas ruas, além de interferir na formação da autoestima e identidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar esses padrões e expectativas é função do professor porque disso depende também a construção da identidade dos pequenos. Essa tarefa se cumpre nas relações do dia a dia e não por meio de um projeto esporádico ou de uma sequência didática.

São os adultos que esperam de meninos e meninas comportamentos específicos. Os pequenos não estão nem um pouco preocupados com as regras que definem papéis diferentes para eles ou elas. O que querem é se divertir! Por sinal, até os 3 anos, em média, as crianças não encaram as características biológicas como diferenças. Mas, se repreendidas ou ridicularizadas quando não fazem as escolhas consideradas corretas, aprendem, além de homens e mulheres não serem iguais, que existe um modelo de masculinidade e feminilidade e uma relação de poder entre eles. E aí de quem ousar romper com valores construídos há séculos!

Nas instituições escolares, o desafio também passa pelos professores, permeados por todas as questões machistas presentes na sociedade. A atuação docente é de suma importância no sentido de educar para evitar o sexismo difundido nas falas enraizadas culturalmente. Para transformar uma escola cidadã, com alunos capazes de analisar suas práticas cotidianas, desde o início de sua vida escolar, ou seja, na educação infantil.

Relembrar que a construção da igualdade de gêneros é um caminho não apenas da escola, mas assim, como tudo que se refere à educação, um trabalho conjunto de professores e professoras, direção escolar e pais de alunos e alunas. Pode-se pensar em escolas voltadas para esse segmento educacional que, além de desenvolverem um trabalho em todas as turmas, passem a envolver em suas atividades conteúdos que abarquem os temas transversais, os pais e a comunidade externa.

Fechar os olhos para o início de atitudes discriminatórias é subestimar a capacidade do ambiente escolar na transformação da cidadania. É necessário enxergar a educação infantil como o princípio da construção de igualdades,

como um espaço aberto para a diversidade, onde meninos e meninas tenham os mesmos direitos de demonstrar suas necessidades, seus gostos, suas personalidades e outros aspectos. É uma construção de direitos iguais, independente de gênero, raça, religião.

A qualidade da nossa educação infantil está associada com a capacidade de formar cidadãos e cidadãs conscientes de seus direitos e deveres, tolerante as diferenças, capazes de compreender que a diferença entre os gêneros é ligada a questão biológica e não social. É a primeira parte de um longo caminho na (re)construção de pensamento. Como pontuamos ao longo desse trabalho, é uma (re)construção, formada com o trabalho de professores, dos próprios alunos, direção escolar, demais funcionários, e quiçá da comunidade escolar. É necessário o empenho de todos para termos escolas capazes de contribuir nessa (re)construção da igualdade de gênero.

Educar na primeira infância vai além de ensinar letras e números. É auxiliar nos primeiros passos da formação de um cidadão, é ensinar valores morais, é mostrar outras opções, é ensinar a se indagar sempre, é mostrar com carinho que todos têm direitos e deveres, é realmente educar.

## WEBGRAFIA

[http://desafiodaigualdade.org.br/?gclid=Cj0KCQiA1pyCBhCtARIsAHaY\\_5e7GsS2bJohz2eIHszVELLBOA4j8VAVDoqyjOzTJhWx0Pq\\_RbEGhUaApOOEALw\\_wcB](http://desafiodaigualdade.org.br/?gclid=Cj0KCQiA1pyCBhCtARIsAHaY_5e7GsS2bJohz2eIHszVELLBOA4j8VAVDoqyjOzTJhWx0Pq_RbEGhUaApOOEALw_wcB)

<https://www.youtube.com/watch?v=MJI4p0qxTcQ&t=3s>

[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602020000100138&script=sci\\_arttext#:~:text=A%20Institui%C3%A7%C3%A3o%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil,de%20a%C3%A7%C3%A3o%20regulado%20pelos%20adultos.&text=Todavia%2C%20no%20que%20concerne%20ao,da%20institui%C3%A7%C3%A3o%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602020000100138&script=sci_arttext#:~:text=A%20Institui%C3%A7%C3%A3o%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil,de%20a%C3%A7%C3%A3o%20regulado%20pelos%20adultos.&text=Todavia%2C%20no%20que%20concerne%20ao,da%20institui%C3%A7%C3%A3o%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil).

<https://desconstrucaodiaria.com/2016/10/13/minha-atencao-sobre-desigualdade-de-genero-comeca-nas-lojas-de-brinquedos/>